

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Sobre corpos, escritas e alfabetização em dança: experiências com *Motifs* na escola

Adriano José Pinheiro

Marcus Vinicius Machado de Almeida

Para citar este artigo:

PINHEIRO, Adriano José; ALMEIDA, Marcus Vinicius Machado de. Sobre corpos, escritas e alfabetização em dança: experiências com *Motifs* na escola. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573104532024e205

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Sobre corpos, escritas e alfabetização em dança: experiências com *Motifs* na escola¹

Adriano José Pinheiro²
Marcus Vinicius Machado de Almeida³

Resumo

O presente texto relata um estudo de caso realizado com estudantes de uma escola municipal de São Paulo em que se experienciou uma proposta de alfabetização em dança com a *Motif Notation*, sistema de notação criado pelas pesquisadoras Ann Hutchinson Guest (1918-2022) e Valerie Preston-Dunlop (1930-), ex-alunas do pesquisador Rudolf Laban (1879-1958). Teve como referência a metodologia pesquisa-ação (Thiollent, 2011), os dados foram coletados em oficinas realizadas por videoconferência e apontou-se como conclusões a possibilidade em se favorecer propostas de alfabetização em dança, a aquisição de características dessa linguagem pelas crianças e a criação de uma composição coreográfica.

Palavras-chave: Alfabetização em dança. Corpo. Escrita. *Motif Notation*. Rudolf Laban.

About bodies, writing and dance literacy: experiences with *Motifs* at school

Abstract

This text reports on a case study carried out with students from a public school in São Paulo in which a proposal for dance literacy was tried out using Motif Notation, a notation system created by researchers Ann Hutchinson Guest (1918-2022) and Valerie Preston-Dunlop (1930-), former pupils of researcher Rudolf Laban (1879-1958). It was based on action research methodology (Thiollent, 2011), the data was collected in workshops held by videoconference and the conclusions were that it was possible to encourage proposals for dance literacy, the acquisition of characteristics of this language by the children and the creation of a choreographic composition.

Keywords: Dance Literacy. Body. Writing. *Motif Notation*. Rudolf Laban

Sobre cuerpos, escritura y alfabetización en danza: experiencias con *Motifs* en la escuela

Resumen

Este texto da cuenta de un estudio de caso realizado con alumnos de una escuela de la municipalidad de São Paulo en el que experimentaron una propuesta de alfabetización en danza utilizando la Motif Notation, un sistema de notación creado por las investigadoras Ann Hutchinson Guest (1918-2022) y Valerie Preston-Dunlop (1930-), antiguas alumnas del investigador Rudolf Laban (1879-1958). Se basó en la metodología de investigación-acción (Thiollent, 2011), los datos se recogieron en talleres realizados a través de videoconferencia y las conclusiones fueron la posibilidad en favorecer propuestas de alfabetización en danza, la adquisición de características de este lenguaje por parte de los niños y la creación de una composición coreográfica.

Palabras clave: Alfabetización en danza. Cuerpo. Escritura. Motif Notation. Rudolf Laban.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Mônica de Moraes Oliveira. Doutorado e Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciada em Pedagogia (FEUSP) e Letras (Faculdade Santana).

² Doutorando e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Especialização em Arte-Educação pelo Centro Universitário UNIFAAT. Especialista em Sistema Laban/Bartenieff pela Faculdade Angel Vianna (FAV). Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário de Araras DR. Edmundo Ulson (UNAR). Graduação em Artes Visuais pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (FAMOSP).

 adrijpinheiro@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/4465087608738420>  <https://orcid.org/0000-0003-1059-815X>

³ Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduação em Filosofia pela UFRJ. Certification Program in Laban Movement Studies (Certified Movement Analyst - CMA) pelo Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies (LIMS). Certificação em Labanotation pelo Dance Notation Bureau (NYC). Graduação em Filosofia pela UFRJ. Professor Titular da UFRJ.

 marcusmachado667@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/639328958414593>  <https://orcid.org/0000-0001-8939-5093>



Introdução

O processo de alfabetização em língua portuguesa sempre nos intrigou: Como seria o percurso da criança desde as garatujas, como são chamados os primeiros rabiscos elaborados na infância, até a escrita convencional? Soma-se a essa reflexão o fato de que fomos alfabetizados, como a maioria das pessoas das nossas idades, com o uso da cartilha, em que éramos apresentados gradativamente às lições das sílabas na ordem do alfabeto, logo, só passávamos para a lição do C (CASA) após dominarmos a lição do B (BEBÊ), e assim por diante. As cartilhas seguiam uma sequência fixa: o treino motor, a aprendizagem das letras, das sílabas, palavras e frases. Assim, decodificar as sílabas, as palavras e as frases era o objetivo principal do processo de alfabetização.

Atualmente, a alfabetização das crianças é pautada em pesquisas de educadores como a argentina Emília Ferreiro (1936-2023), o brasileiro Paulo Freire (1921-1997) e os princípios do psicólogo Lev Vygostsky (1896-1934), dentre outros. Esses autores apontam a importância de uma experiência diversa e global — incluindo o corpo e movimento — da criação no processo educacional.

Aliados aos estudos de alfabetização, a pesquisa em dança perpassa nossos caminhos e, fundamentalmente, os estudos e proposições do pesquisador do movimento Rudolf Laban (1879-1958), constatando que, como afirmam Almeida; Vaz; Gomes:

A obra de Laban apresenta três grandes áreas de investigação. A primeira se refere ao seu sistema de Análise do Movimento, envolvendo o estudo do Espaço e dos Esforços. A segunda área refere-se à sua Escrita do Movimento, chamada 'Kinetography' para os europeus e 'Labanotation' para os estadunidenses. A terceira área é denominada Coreosofia, correspondente a uma série de conceitos referentes ao corpo, ao movimento e à dança, em suas potências existenciais, de vida (Almeida; Vaz; Gomes, 2019, p. 16).

As reflexões relacionadas à escrita do movimento nos estudos de Laban nos levaram a indagar: Como seria propor um trabalho prático com escrita do movimento para crianças e adolescentes no ensino fundamental? Como reagiriam crianças e adolescentes aos conhecimentos relacionados à escrita do movimento? Quais relações seriam realizadas com o processo de alfabetização



na escola, visto que já são alfabetizadas em língua portuguesa? Seria possível construir conhecimentos a partir de uma proposta de alfabetização em dança em oficinas práticas na escola?

Essas indagações nos orientaram a desenvolver esta pesquisa que teve como objetivo propor um trabalho prático de alfabetização em dança⁴ partindo da escrita do movimento com os símbolos das ações básicas presentes no Alfabeto do Movimento (*The Movement Alphabet*)⁵ e do trabalho com *Motifs*, com crianças e adolescentes; investigar as possíveis reverberações desse processo, bem como aprendizagens envolvidas, relações com a alfabetização em língua portuguesa e outros conhecimentos construídos no decorrer do percurso.

Registrar: necessidades e compartilhamentos

A necessidade humana de se estabelecer comunicação remonta à Pré-História, onde o homem grafava animais, figuras humanas e outras representações nas paredes das cavernas. Assim, deixar grafadas suas impressões e reflexões sobre o mundo foi uma ação sempre perseguida pela humanidade, que sentia o anseio de transformar suas ideias em registros que resistissem ao tempo e estabelecessem comunicação com o outro, comunicando ideias, sensações, ações etc.

Posteriormente, a invenção da escrita facilitou o processo e colaborou para que as informações fossem compartilhadas no tempo e no espaço, favorecendo múltiplas formas de expressão em diversos campos, como assinalam Teberosky; Tolchinsky (1995, p. 9): “A escrita tem, no entanto, uma longa história social de mais de 5 mil anos de uso. Tem sido utilizada em múltiplas circunstâncias nas transações comerciais, nos registros de fatos ou ideias, na expressão poética.” Portanto, deixar escritas suas marcas na parede da caverna, nas pedras, no couro animal ou no papel para que fossem conservadas ao longo do tempo e do espaço tem sido uma ambição humana que permanece até a

⁴ Este trabalho teve como referência a proposta de alfabetização em dança do *Language of Dance Center* (EUA) que sugere os processos: sensibilização, observação, reflexão, identificação, interpretação, notação e criação como fundamentais para a alfabetização em dança, processos que foram contemplados durante oficinas que serão relatadas adiante.

⁵ O Alfabeto do Movimento a que nos referimos, está disponível no site: <https://www.lodcusa.org/pages/resources>. Acesso em: 11 set. de 2024.



contemporaneidade.

Jean (1998, contracapa) discorre sobre a conservação favorecida pela escrita ao longo da história: “Sempre que os homens sentiram a necessidade de conservar os instantes que a história comporta, a escrita se fez lei. Em todos os tempos, o homem que soube escrever foi rei.”

Desde seu surgimento, a escrita teve como uma de suas funções controlar o comércio, o vocabulário de certos grupos ou até como privilégio de alguns setores da sociedade, como assinala Monteiro (2008, p. 12): “Ligada a necessidades comerciais e políticas a escrita desde sua origem serviu à organização e ao controle, estando também restrita a pequenos grupos, sendo elemento de segregação e elitização.” Compreendemos assim a concepção de que a aprendizagem de uma linguagem não apenas amplia as possibilidades comunicativas de seus interlocutores, sua aprendizagem pode também favorecer o controle social.

Refletir sobre a escrita, sobre as diversas linguagens e os códigos específicos de cada linguagem foi uma inquietação que nos levou a questionar sobre o processo de alfabetização em dança: Como se daria um processo de alfabetização nessa linguagem?

Fazeres da alfabetização em diferentes linguagens: artes visuais, música e dança

Como citado anteriormente, as propostas com a alfabetização em língua portuguesa são muito frequentes no fazer pedagógico das escolas, todavia, com relação às outras linguagens, ainda temos um longo caminho a percorrer. Martins, Picosque e Guerra (2010) ressaltam a importância em se favorecer uma relação com os códigos da alfabetização nas linguagens da arte:

Para nos apropriarmos de uma linguagem, entendermos, interpretarmos e darmos sentido a ela, é preciso que aprendamos a operar com seus códigos. Do mesmo modo que existe na escola um espaço destinado à alfabetização na linguagem das palavras e dos textos orais e escritos, é preciso haver cuidado com a alfabetização nas linguagens da arte (Martins; Picosque; Guerra, 2010, p. 13).

Em sua obra as autoras orientam com relação ao trabalho com os códigos



específicos das quatro linguagens⁶ artísticas presentes na educação básica: artes visuais, teatro, dança e música.

Cabe salientar que, com relação à música, seu sistema de notação⁷ europeu sobreviveu ao tempo e permitiu que o conhecimento acumulado na linguagem musical ocidental fosse compartilhado até a contemporaneidade.

Rezende (2008) discorre sobre a necessidade de se codificar essa linguagem e sobre o surgimento da notação musical:

A necessidade de codificar a experiência musical é algo comum a muitos povos em distintas épocas. Seja como um reforço para a memória ou como uma forma de comunicação, a notação musical sempre foi um importante meio de transmissão dos conhecimentos musicais. O surgimento da notação musical escrita pressupõe a existência de uma classe social letrada, que se utiliza de letras do alfabeto, sílabas, palavras, números, signos gráficos, entre outros recursos, para construir um sistema de representação da experiência musical (Rezende, 2008, p. 1).

E foi tendo como uma de suas referências em escrita a notação musical europeia que o pesquisador do movimento Rudolf Laban ousou criar um sistema de escrita para a linguagem da dança, a Kinetografia ou *Labanotation* (Labanotação). Em sua obra *Principles of Dance and Movement Notation* (*Princípios da Dança e Notação do Movimento*) o autor esclarece a importância, assim como a música, de a dança ter o seu próprio sistema de escrita. Em suas palavras:

A invenção da notação musical convencional em que as obras de composição foram gravadas nos últimos séculos tornou possível para nós, modernos, executar as obras dos grandes músicos das épocas passadas, que de outra forma seriam esquecidas há muito tempo. Na falta de qualquer sistema de notação musical, Bach e Beethoven não seriam mais que nomes esquecidos para nós. No entanto, ninguém sabe sobre as formas exatas de movimento dos balés, mesmo os de origem recente, embora a fama proclame os nomes dos coreógrafos e a apreciação com que seus balés foram recebidos em seu tempo⁸ (Laban,

⁶ Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1994) foram os pioneiros a contemplarem as quatro linguagens artísticas no fazer pedagógico no ensino da Arte: artes visuais, teatro, dança e música. O documento traz objetivos, conteúdos e propostas de avaliação para as quatro linguagens, além de referencial teórico e exemplos de proposições envolvendo as mesmas.

⁷ Segundo Teberosky (1995, p. 9): “Chamamos notação às formas gráficas usadas para registrar e transmitir informação: por exemplo, notação musical, notação química, etc.”

⁸ The invention of the conventional musical signs in which the works of composers have been recorded in the last few centuries, has made it possible for us moderns to perform the works of the great musicians



1956, p. 13).

O sistema de escrita criado por Laban em parceria com seus discípulos também favoreceu o desenvolvimento de um sistema de símbolos representativos do movimento, que deram origem e estruturam a *Motif Notation*. A criação dessa notação é atribuída às pesquisadoras e bailarinas Ann Hutchinson Guest e Valerie Preston-Dunlop, duas ex-alunas de Laban que sentiram a necessidade de partir de seu legado (Kinetografia ou *Labanotation*) para postularem suas contribuições com relação à escrita do movimento.

A *Motif Notation* tem a intenção de capturar o aspecto sintético de cada movimento, ou seja, a essência de cada movimento. Ao contrário da *Labanotation*, que pretende destacar cada detalhe do movimento, a *Motif Notation* prioriza o aspecto principal que está sendo gestualizado, a essência do gesto.

Podemos aqui favorecer algumas comparações entre o processo de alfabetização em língua portuguesa com o processo de alfabetização em dança com os *Motifs*, como postulou esta pesquisa, visto que, quando registramos um grafema na nossa língua, tentamos captar ali o todo do som falado no registro escrito, ou seja, o grafema GA, por exemplo, tenta representar a totalidade do som /GÁ/. Já no trabalho com os *Motifs*, o símbolo registrado representa a essência daquele movimento, não se intenta nesse registro representar a totalidade daquele movimento, mas sim o sintético do que perpassa o mesmo, como dito anteriormente.

Assim, este trabalho pretendeu partir de proposições práticas com esses símbolos e um grupo de crianças e adolescentes para se pensar uma possível proposta de alfabetização em dança com oficinas na escola, que serão abordadas na continuidade destes escritos.

of past ages, which otherwise would long ago have been forgotten. Lacking any system of musical notation, Bach and Beethoven would be no more than silent names to us. Yet nobody knows about the exact movement forms of ballets even of recent origin, though fame proclaims the names of the choreographers, and the appreciation with which their ballets were received in their time. (Tradução nossa).



Alfabetização em dança: conceitos possíveis

O trabalho se propôs a abordar um processo de alfabetização em dança partindo dos símbolos do Alfabeto do Movimento (LOD@C) em oficinas práticas desenvolvidas na escola, mas, antes de abordá-las, acreditamos ser interessante discorrer sobre os conceitos envolvidos nessa concepção de alfabetização em dança, bem como o referencial teórico que embasou o trabalho prático.

As experiências com a Labanotation e com os *Motifs* nos direcionaram a postular relações entre as potencialidades desses materiais e suas aplicações no contexto escolar.

Rudolf Laban em suas pesquisas procurou elaborar um sistema de notação em dança, visto que ele observava que outras linguagens já haviam solidificado processos de notações escritas, as partituras musicais europeias, por exemplo, foram grandes inspirações para a criação da *Kinetografia* ou *Labanotation*. O pesquisador do movimento ainda explicitou sua intenção em criar um sistema de notação que favorecesse a preservação de obras e dos estudos do movimento:

Balés de extraordinária beleza e potência foram inventados, mas, após relativamente poucas apresentações, passaram ao esquecimento. Quando os inventores e intérpretes originais desapareceram, as danças não puderam ser reproduzidas como as obras dramáticas e musicais puderam a partir do libreto ou da partitura musical⁹ (Laban, 1956, p. 12-13).

Além da preocupação com a preservação por meio de uma terminologia específica da dança, Rudolf Laban (1956) constatou que os estudos do movimento começavam a ser reconhecidos em outros campos (educação, indústria e no campo terapêutico). Perpassa também a fala do autor uma preocupação com a aplicabilidade do sistema a ser criado, segundo ele, estava orgulhoso, pois ele era “*sound and practical*” (Laban, 1956, p. 11), ou seja, soava sonoro e prático [tradução nossa].

Ainda na mesma obra, Laban discorre sobre parceiros e discípulos que

⁹ Ballets of extraordinary beauty and vital power have been invented, but, after relatively few performances, have passed into oblivion. When the original inventors and performer had disappeared, the dances could not be reproduced as dramatic and musical works could be from the libretto or the musical score (Tradução nossa).



davam continuidade aos estudos sobre notação, dentre eles, citou a dançarina e pesquisadora americana Ann Hutchinson Guest, que naquele momento aplicava e pesquisava aquele sistema de notação no *Dance Notation Bureau*, em Nova Iorque. Comentou também que o termo *Labanotation* era como aquele grupo denominava esse sistema.

Os estudos da *Labanotation* favoreceram posteriormente a criação de um sistema que visava a aplicação pedagógica e que favoreceria o uso de uma notação em dança para diversos públicos, inclusive aqueles que não fossem dançarinos profissionais ou iniciados no universo da dança, surgia assim a *Motif Notation*.

A criação da *Motif Notation* - como é conhecido o conjunto desses símbolos baseados em ações básicas do corpo como saltar, deslocar, cair, pausar - é atribuída a duas pioneiras pesquisadoras e parceiras de Laban, são elas: Valerie Preston-Dunlop e Ann Hutchinson Guest. Segundo Preston-Dunlop (2016, n.p.), o sistema: “serve ao propósito de um sistema criativo irmão da *Labanotation* e de natureza estrutural aberta à interpretação”.

A dançarina e parceira de Laban nos estudos do movimento Ann Hutchinson Guest também conceitua a *Motif Notation*. Segundo ela:

Motif Notation, originalmente chamado Motif Writing, é um sistema para registrar graficamente conceitos de movimento usando símbolos derivados da *Labanotation*. A necessidade de permitir liberdade na execução de um conceito de movimento, por exemplo, a escolha de qualquer direção, qualquer parte do corpo, qualquer tipo de transferência de peso, etc., levou ao estabelecimento de símbolos adicionais não encontrados na *Labanotation*¹⁰ (Lu; Wile, 2016, p. 1).

Ainda Guest propõe um trabalho que originou a instituição educacional *Language of Dance® Center* (LOD®C), que é dedicada ao avanço e promoção da alfabetização de movimento e que tem como missão: “[...] expandir e promover o *Language of Dance® Center* (LOD®C) nacional e internacionalmente como um elemento essencial para capacitar educadores, profissionais e o público em geral

¹⁰ Motif Notation, originally called Motif Writing, is a system for graphically recording movement concepts using symbols derived from *Labanotation*. The need to allow freedom in the performance of a movement concept, for instance the choice of any direction, any part of the body, any kind of transference of weight, etc. led to establishing additional symbols not found in *Labanotation*. (Tradução nossa).



em seus estudos, práticas, apreciações e pesquisas em dança”¹¹ Portanto, para alcançar a missão, o LOD@C disponibiliza em seu *site* ofertas de cursos, materiais diversificados, notícias sobre o assunto, eventos, fotos e biografias de seus membros, dentre eles: a Prof^a Dr^a Tina Curran, a Diretora Executiva Susan Gingrasso, a Prof^a Dr^a Rachel Wurman e a Prof^a Dr^a Ann Hutchinson Guest.

O *site* LOD@C serviu de grande fonte para embasar o trabalho prático e conceitual desta pesquisa no que diz respeito às proposições com a alfabetização em dança. Cabe salientar que no artigo “*Forging mutual paths: defining dance literacy in the 21st century*” as autoras conceituam o termo:

Alfabetização em dança é a capacidade de identificar, entender, interpretar, criar, comunicar e [analisar], usando materiais escritos em [linguagem falada] e [sistemas simbólicos] associados a contextos variados. Alfabetização em dança envolve um aprendizado contínuo, permitindo que os indivíduos alcancem seus objetivos, desenvolvam seu conhecimento, potenciais e participem plenamente de sua comunidade e da sociedade em geral¹² (Heiland et al., 2011, p. 4).

Assim, as proposições realizadas na escola com o grupo de 15 crianças e adolescentes, durante as 7 oficinas práticas contaram fundamentalmente com os materiais propostos no *site* LOD@C e os também oriundos de investigações nos estudos e nas pesquisas labanianas.

Fazeres na escola: a estrutura das oficinas

As 7 oficinas realizadas na escola tiveram como participantes um total de 15 crianças e adolescentes com idades entre 9 e 14 anos. Os encontros tiveram duração de 1h30min ocorrendo às segundas-feiras no horário das 10h30 às 12h via aplicativo *Google Meet* e com participantes do Projeto Academia Estudantil de Letras, que já contavam com encontros semanais de jogos teatrais previstos no projeto.

¹¹ Its mission is to advance and promote Language of Dance® (LOD) nationally and internationally as an essential element to empower educators, professionals, and the general public in their study, practice, appreciation, and research in dance. (Tradução nossa). Informação disponível em: <http://www.lodcusa.org/pages/about>. Acesso em: 28 mar. 2020.

¹² [Dance l]iteracy is the ability to identify, understand, interpret, create, communicate and [analyze], using [spoken language]written materials, [and symbolic systems] associated with varying contexts. [Dance l]iteracy involves a continuum of learning in enabling individuals to achieve their goals, to develop their knowledge and potencial, and to participate fully in their community and wider society. (Tradução nossa).



Oportuno lembrar que, inicialmente, o objetivo era desenvolver a pesquisa presencialmente com dois grupos, contudo, o ano de 2020 trouxe a suspensão repentina das atividades escolares diante da pandemia¹³ da Covid-19 e as aulas presenciais foram suspensas, fazendo com que as propostas fossem adaptadas ao contexto remoto, conforme combinado previamente com as professoras e estudantes do projeto.

As 7 oficinas práticas¹⁴ contaram com estruturas semelhantes, iniciávamos com uma breve roda de conversa, em que trocávamos ideias sobre como estavam naquele momento, as expectativas para aquele dia ou uma breve revisão das atividades realizadas na semana anterior. Essa ação no início da oficina era fundamental para perceber como estavam os estudantes, suas impressões, preocupações, expectativas, angústias e sugestões para o que se sucederia no trabalho prático. Como orienta Freire (1996, p. 43): “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele”. Se o objetivo era dialogar com o grupo por meio da linguagem da dança, do movimento, da alfabetização em dança, logo, seria imprescindível propor ações para que juntos criássemos espaços de escutas.

Na continuidade das oficinas, os educandos e as educandas eram convidados(as) a se acomodarem confortavelmente no espaço de suas casas, já que estávamos em distanciamento social e mediados pelas telas. Assim, buscávamos acalmar as inquietações e nos conectarmos com os próprios corpos por meio da respiração, buscando assim uma ponte com a Forma Fluida que, como explica Fernandes (2006, p. 161):

[...] implica no relacionamento do corpo consigo mesmo, entre suas partes; movendo-se a partir da respiração, voz, órgãos e líquidos corporais. O corpo está totalmente submerso em si mesmo, em seu volume criado pela inter-relação de seus componentes.

A autora também pondera que a respiração é um suporte fundamental para o trabalho com a expressividade corporal e vocal, logo, esse momento primeiro

¹³ A Organização Mundial de Saúde declarou pandemia da Covid-19 no dia 11/03/2020. Assim, o atendimento educativo presencial foi interrompido, fazendo com que profissionais da área da educação tivessem que adaptar suas proposições para o contexto remoto repentinamente.

¹⁴ Os encontros foram realizados de maneira síncrona pela plataforma *GoogleMeet*, sempre às segundas-feiras, no horário das 10h30 às 12h, contando com uma média de 10 participantes.



da oficina favorecia esse suporte para o que posteriormente seria proposto.

Após alguns minutos experienciando a Forma Fluida, buscando se encontrar consigo mesmo, conectando com o mundo interno e tranquilizando-o, crianças e adolescentes eram convidados(as) a experimentar diferentes suportes corporais a fim de elevar o corpo para a posição sentada.

A partir desse momento, iniciávamos um acordar do corpo com toques sutis e automassagens, que percorriam desde os dedos dos pés até os fios dos cabelos, passando por pernas, coxas, barriga, bacia, tórax, passando nesse momento para um contato maior com o mundo externo com as sugestões de toques de colegas, professores, trocas, falas, referências visuais. Importante lembrar que interno/externo é um dos temas propostos por Laban. As autoras Studd e Cox explicam:

Nosso mundo interior inclui nossas sensações, pensamentos e emoções particulares. É tanto nossa biologia quanto nossa psicologia. A ideia de 'interior' é em grande parte, a maneira pela qual nos definimos. O mundo exterior é tudo o que é 'outro' ou não eu¹⁵ (Studd; Cox, 2013, p. 23).

Após o momento denominado acordar o corpo (aquecimento/alongamento), convidávamos os(as) educandos(as) à mudança do nível¹⁶ baixo para o médio e, posteriormente, para o nível alto, dessa vez com o propósito de alcançar a verticalidade. Instigávamos para que desfrutassem desse percurso e experiências sem diferentes suportes do corpo, tentando prover um momento mais prazeroso, desafiador e lúdico, logo não faltavam risadas, comentários, sugestões e trocas de ideias.

Já na verticalidade, caminhávamos um pouco pelo espaço e apresentávamos para o grupo alguma proposta de jogo, geralmente proposições referenciadas nos jogos teatrais propostos pela autora e diretora de teatro Viola Spolin ou baseados nos Temas do Movimento¹⁷ propostos por Laban.

¹⁵ Our inner world includes sensations, our private thoughts and emotions. It is both our biology and our psychology. The idea of 'inner' is in large part, the way in which we define ourselves. The outer world is everything that is 'other', or not self. (Tradução nossa).

¹⁶ Rudolf Laban conceitua a divisão do espaço relacionada à altura, portanto, temos três níveis nessa divisão: baixo, médio e alto.

¹⁷ Rudolf Laban (1990) aborda os Temas do Movimento na obra *Dança Educativa Moderna*. Alguns desses



As propostas elencadas até esse momento tinham o objetivo de conectar os corpos com eles mesmos, com o tempo e com o espaço das oficinas. Embora o trabalho realizado até esse momento fosse uma sustentação para o trabalho que se sucederia com os *Motifs*, a próxima proposição trazia uma relação mais direta com os materiais referenciados na alfabetização em dança.

Assim, a proposição seguinte favoreceu uma atividade baseada nos materiais oriundos do *site* LOD@C, que consistem em histórias infantis apresentadas em livretos a partir das ações básicas do corpo, cada ação básica é representada pela inclusão dos símbolos do alfabeto do movimento que fornece uma base para a construção dos *Motifs*. Segundo Guest (2000, p. 3): “Os Motifs são apresentados às crianças como uma linguagem secreta que serve não apenas como auxílio à memória e clareza na compreensão do movimento, mas também fornece uma ferramenta para a exploração e a criatividade do mesmo”¹⁸.

Portanto, durante as 7 oficinas, as histórias infantis (*As aventuras de Klig e Gop na Terra dos Caminhos*, *As aventuras de Klig e Gop na Terra do Equilíbrio* e *As aventuras de Klig e Gop na Terra da Flexão/Extensão*)¹⁹, os jogos baseados no *The Movement Alphabet*® e a criação de símbolos não convencionais pautaram as proposições.

A finalização das oficinas envolvia uma roda de conversa em que trocávamos breves impressões sobre aquele dia, as crianças e os(as) adolescentes geralmente traziam suas avaliações, elogios e críticas sobre as propostas. Também realizávamos um abraço coletivo, mesmo que virtual, uma dança circular ou um grito coletivo no final. Era um pequeno ponto final, ou talvez um ponto e vírgula, até o próximo encontro.

temas são relacionados com: a consciência do corpo; a consciência do peso e do tempo; as formas de movimento; a consciência do fluxo do peso corporal no tempo e no espaço.

¹⁸ The Motif signs are introduced to the children as a secret language that serves not only as a memory aid and a clarification in understanding movement, but also provides a tool for movement exploration and creativity. (Tradução nossa).

¹⁹ The Adventures of Klig and Gop in Travel-Land, The Adventures of Klig and Gop in Balance-Land e The Adventures of Klig and Gop in Flexextend- Land. (Tradução nossa).



Fazeres reverberados: experiências de aprendizagens com a *Motif Notation* na escola

As experiências com as *Motifs* na escola favoreceram diversas reverberações, contudo, como sugere o material utilizado, as investigações são abertas às possibilidades de devolutivas múltiplas, afinal são proposições que se articulam como ferramentas para “exploração do movimento e da criatividade”²⁰ (Guest, 2000, p. 3).

No primeiro momento, pretendemos revisitar o material coletado no percurso da pesquisa e refletir sobre as possíveis aprendizagens relacionadas a essa “linguagem especial” (Guest, 2000). Também necessário considerar que “Na pesquisa-ação, uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação” (Thiollent, 2011, p. 75), logo, é o momento de revisitar o processo e investigar as possíveis capacidades de aprendizagens incorporadas ao mesmo.

Ao longo do processo de alfabetização, a criança vai se dando conta de algumas questões convencionais da escrita, tais como: o registro da esquerda para a direita no papel; o conhecimento das letras e o abandono de símbolos e números na escrita das palavras; a quantidade de caracteres para cada sílaba; a escolha de caracteres específicos para cada fonema etc. E, com relação à *Motif Notation*, reconhecem os símbolos: quais convencionalidades dessa linguagem as crianças e os(as) adolescentes se apropriaram durante as oficinas realizadas?

Uma das convencionalidades com relação à escrita e à leitura na *Motif Notation* são as direções da escrita e da leitura no papel. Essa escrita se inicia nos dois traços na parte de baixo para cima da página, finalizando também com os dois traços, após o símbolo. Na 1ª Oficina foram apresentados os símbolos das ações realizadas pelas personagens, contudo, não comentamos a respeito de como se dava a escrita da sequência no papel, deixamos que partissem do grupo algumas hipóteses para o registro das sequências. Assim, curioso observar as hipóteses formuladas pelas crianças e adolescentes – evidenciadas nas imagens abaixo – e também observar como se apropriaram dessa convenção a partir da 2ª Oficina.

²⁰ Movement exploration and creativity. (Tradução nossa).

Na Figura 1, a hipótese é: símbolos na vertical e numerados na sequência dos movimentos apresentados. Na Figura 2, a hipótese é: símbolos na horizontal e ordenados linearmente na sequência dos movimentos apresentados. A Figura 3 apresenta a escrita convencional da *Motif Notation* utilizando-se da verticalidade e com os dois traços que indicam o início e o fim da partitura (nesse caso, ainda nomeando a ação ao lado de cada símbolo).

Figura 1 - Hipótese: símbolos na vertical. Fonte: Acervo pessoal.

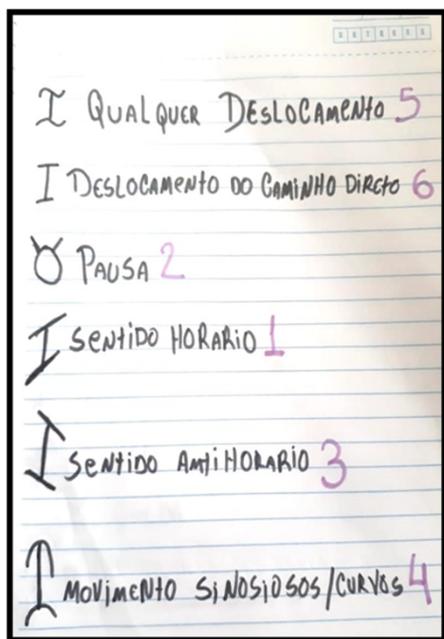


Figura 2 - Hipótese: símbolos na horizontal. Fonte: Acervo pessoal.

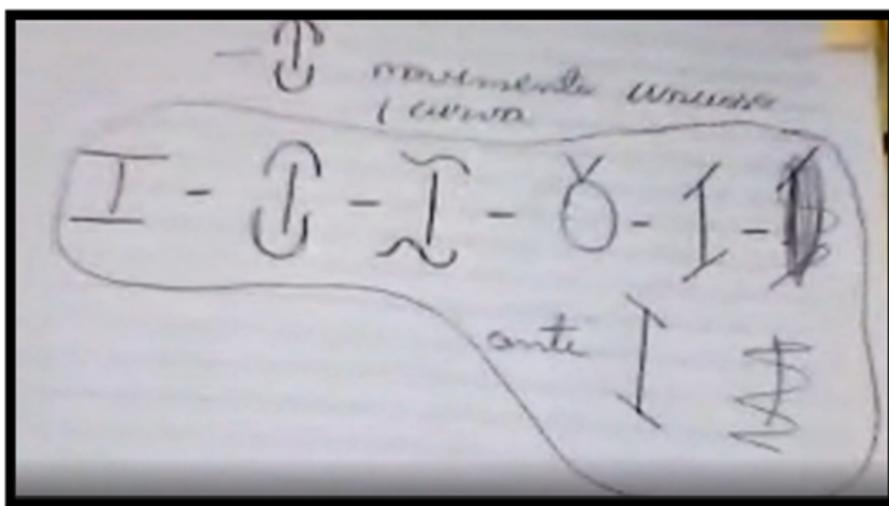
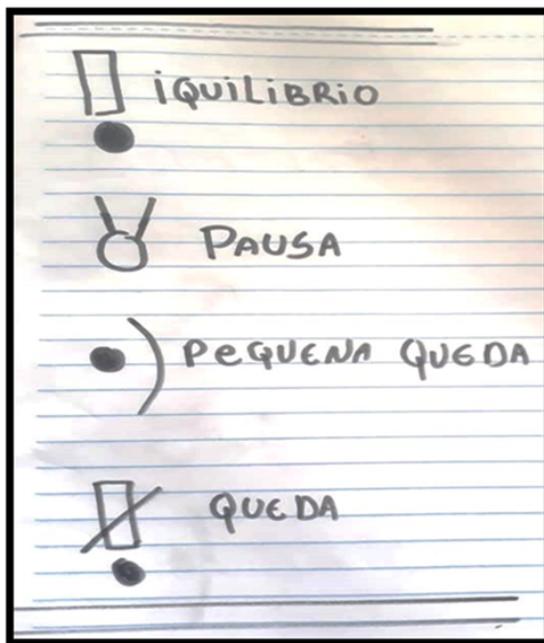


Figura 3 - Escrita convencional da Motif Notation. Fonte: Acervo pessoal.



Outro aspecto relacionado à aprendizagem da *Motif Notation* emergiu durante a 3ª Oficina. Naquela ocasião, o grupo foi dividido em duas salas diferentes para construir coletivamente uma partitura com os símbolos estudados até o momento e, posteriormente, apresentá-los para o restante do grupo. Em um dos grupos, partiram dos(as) presentes algumas inquietações com relação ao tempo de duração de cada movimento dançado, visto que, ao performar, as diferenças estavam evidentes. Portanto, o grupo, por si só, resolveu fazer uma contagem (1/2/3/4) para cada movimento dançado, estabelecendo assim um tempo semelhante para cada ação básica.

Estávamos acompanhando a discussão do grupo e a forma como encontraram para estabelecer tempos semelhantes para a execução dos movimentos e esperamos atentamente que trouxessem para a reflexão coletiva comentários sobre a descoberta. Esse fato realmente ocorreu, pois a professora que acompanhou, durante a apresentação, fez a contagem de tempo para a turma (1/2/3/4). Foi a oportunidade para trazermos para a discussão a questão do tempo na escrita e execução da partitura.

Curiosamente, essa foi uma questão também abordada enquanto estávamos realizando um curso de especialização. Naquela ocasião pequenos

grupos em salas virtuais performavam pequenas partituras com quatro mudanças das formas básicas do corpo (agulha, bola, parafuso, parede e pirâmide) e uma pausa. Assim, recebemos orientação de uma professora com relação à questão da relatividade do tempo, visto que, se não há indicações específicas dos tempos na partitura, deve-se considerar um tempo próximo para cada ação realizada, evitando assim tempos tão discrepantes em símbolos grafados com tamanhos idênticos.

Com relação à aprendizagem e o reconhecimento dos símbolos para utilização na escrita de partituras na *Motif Notation*, um dos principais objetivos do processo de aprendizagem de uma língua, alguns exemplos foram identificados no percurso da pesquisa, evidenciando possíveis aprendizagens relacionadas à alfabetização em dança, objetivo fundamental deste trabalho.

Até o momento da 3ª Oficina havíamos estudado dez símbolos e propusemos um jogo em que desligávamos a câmera do celular ou computador, escolhíamos um deles, fazíamos um movimento da ação básica que os mesmos representavam e performávamos para o grupo, que registrava no papel e exibia para o restante do grupo, buscando assim a correspondência entre a ação básica executada e o símbolo registrado pelos espectadores.

O jogo realizado permitiu avaliar o processo até então, a clareza na realização dos movimentos e, principalmente, se o grupo havia se apropriado desse tipo de escrita e poderia, fazendo aqui uma analogia com o processo de alfabetização em língua portuguesa, fazer a correspondência entre letra e som, nesse caso ação básica e símbolo. As Figura 4 e 5 podem contribuir com a verificação dessas aprendizagens e evidenciam que o grupo até aquele momento havia se apropriado de alguns dos conteúdos trabalhados nas oficinas. Em jogo realizado, vemos que, na Figura 4 há a identificação da ação básica pausa com o símbolo convencional e, na Figura 5, da ação básica equilíbrio com o símbolo convencional.

Figura 4 - Ação básica pausa com o símbolo convencional. Fonte: Acervo pessoal.

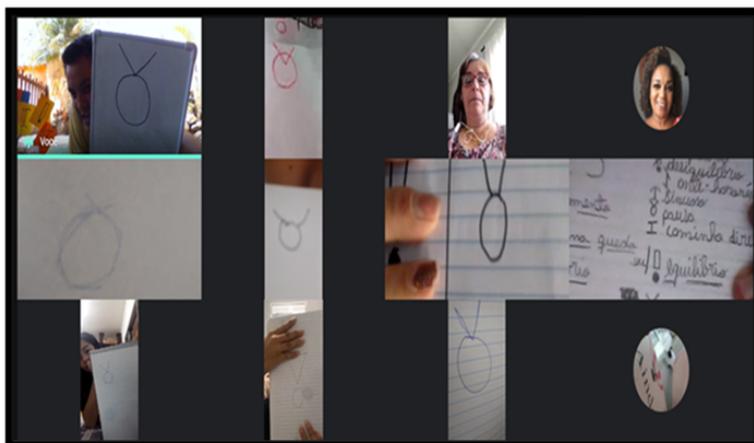
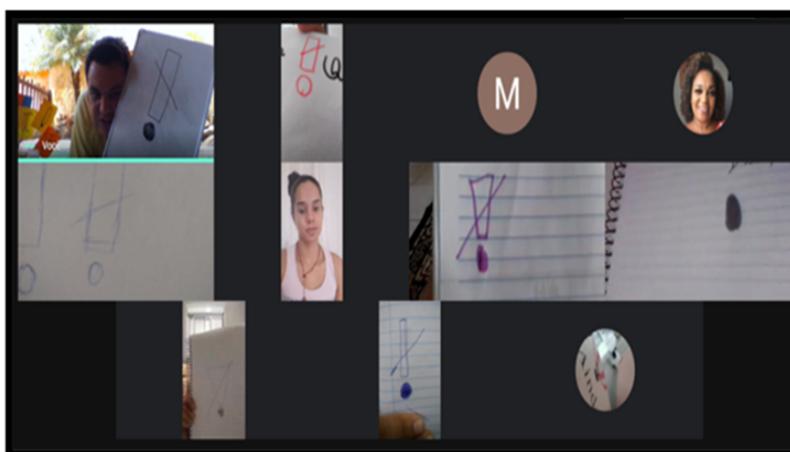
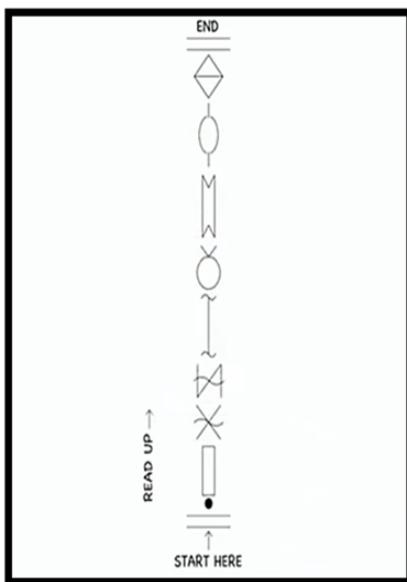


Figura 5 - Ação básica equilíbrio com o símbolo convencional. Fonte: Acervo pessoal.



Outro momento que favoreceu uma avaliação das aprendizagens adquiridas ao longo do percurso da pesquisa ocorreu durante a 5ª Oficina, quando os(as) participantes assistiram ao vídeo da Profª Drª Ann Hutchinson Guest. No vídeo, após dançar uma sequência de ações, é apresentada a partitura (*Motif*) referente à mesma. Então, após assistirem ao vídeo, indagamos: O que aparece ao final do vídeo? E obtivemos como resposta: “Os sinais dos movimentos que ela fez.” Ou ainda a leitura de uma aluna, que avaliou: “Pelo que identifiquei a ordem foi essa: equilíbrio, encolher, alongar, qualquer deslocamento, pausa, já os outros três eu não identifiquei.” Realmente a aluna estava correta e os três símbolos desconhecidos eram os que não havíamos estudado nas oficinas. Aproveitamos o momento para fazermos uma breve explanação de cada um deles. A Figura 6 mostra a partitura dançada no vídeo citado:

Figura 6 - Parte do vídeo. Fonte: *Language of Dance Centre*²¹.



Outro momento que evidenciou a aprendizagem dos símbolos foi quando optamos por construir uma partitura coletiva que seria dançada e gravada em vídeo para a finalização do trabalho. Naquele momento pudemos perceber, pela participação das crianças e adolescentes, quais eram as ações que mais se identificavam e, também, a compreensão dos símbolos correspondentes a elas.

Ao analisarmos o diário de bordo da pesquisa nos deparamos com uma pergunta feita sobre como deveríamos começar a escrita da partitura, seu registro e uma aluna respondeu: “Começa com dois tracinhos!”, externalizando ali a convenção da partitura de movimento que havia descoberto no percurso das oficinas.

Revisitamos agora o conceito de alfabetização em dança, visto que as devolutivas citadas até então me evidenciaram a aprendizagem de algumas das habilidades propostas nas crianças e adolescentes participantes das oficinas, especificamente habilidades relacionadas à leitura, análise, escrita, comunicação e reconhecimento da *Motif Notation*. Todavia, também era preciso avaliar habilidades relacionadas à interpretação e à criação partindo desse tipo de notação.

²¹ Disponível em: <https://fb.watch/4jog0qusb5/>. Acesso em: 18 mar. 2021.



Fazeres da criação com *Motifs*: os jeitos de cada estudante nas oficinas

McCutchen (2006 *apud* Curran, 2011, p. 28) orienta que “[...] alfabetização em dança envolve o conhecimento sobre dança e a capacidade de criar, performar e responder à dança como forma de arte...”²². Portanto, se o objetivo era um processo de alfabetização em dança partindo do uso da *Motif Notation*, não poderíamos prescindir da interpretação e da criação durante as oficinas, ações que, fundamentalmente, deveriam ser contempladas.

Importante ressaltar que proposições que envolviam a criação com a *Motif Notation* foram planejadas e incentivadas desde a 1ª Oficina, quando os(as) participantes foram convidados(as) a criar com símbolos relacionados aos deslocamentos (caminhos) diretos, sinuosos, circulares, quaisquer deslocamentos e pausa.

Destacamos alguns comentários, como o da aluna Nathália: “Nossa, em pouco tempo conseguimos organizar uma coreografia!” A Professora Alessandra destacou a questão da pausa, da importância em valorizá-la durante a apresentação e, ainda nessa oficina, a estudante Emilly falou que o que chamou atenção foi a constatação de que: “Cada um tinha sua própria ideia ao fazer.” E a estudante Nathália complementou: “Achei legal, os jeitos de cada um fazer...”

As falas das estudantes Emilly e Nathália chamaram a atenção a ponto de terem sido registradas no diário de bordo e também foram falas potentes que emergiram no percurso da pesquisa. Falas perspicazes das adolescentes que perceberam e valorizaram algo tão significativo no trabalho com a *Motif Notation*. As estudantes conseguiram captar o potencial mobilizador desses símbolos em favorecer experiências criadoras, ou seja, a dança original de cada um(a). Como esclarece Ofer (2018) sobre a abordagem utilizada nas aulas envolvendo os símbolos:

[...] são usados como uma ferramenta para a composição de segmentos de movimento originais. Aqui, os alunos / educadores / artistas da dança

²² [...] dance literacy combines knowing about dance and the ability to create, perform, Andres pond to the dance as anart form... (Tradução nossa).



são convidados a descobrir o poder de conectar a representação simbólica das ideias de movimento à prática real da dança, levando à criação de frases ou peças de movimento originais e à leitura de partituras, estabelecendo assim bases para a alfabetização nesta linguagem²³ (Ofer, 2018, p. 4).

Tais impressões nos orientaram a, inclusive, evidenciá-las nos títulos destes escritos, partindo também da compreensão de que os símbolos da *Motif Notation* partem de ações, de fazeres. Afinal, os fazeres originais de cada um(a) nesse tipo de proposta são bases para a ação criativa, constatação tão potente das estudantes que ainda estavam nas suas primeiras investigações com esse tipo de linguagem e que merecia ser valorizada.

Além de comentários sobre as criações realizadas, uma estudante do grupo sugeriu a gravação de um vídeo com as partituras criadas. Prometemos que voltaríamos a essa proposta no decorrer das oficinas, o que de fato ocorreu, visto que, como produto-final, elaboramos um vídeo a partir de um *Motif* criado coletivamente na 7ª Oficina.

Um fato que chamou a atenção foi a disponibilidade do grupo para esse tipo de proposta, disposição que, geralmente, percebemos no público infantil e adolescente, mas que, devido ao momento pandêmico, nos surpreendeu. Outro fato que possivelmente tem relação é que os(as) acadêmicos(as) da Academia Estudantil de Letras (AEL) experienciavam oficinas de jogos teatrais semanalmente com as Coordenadoras do Projeto, o que favoreceu grandes contribuições no trabalho cênico do grupo. Durante as oficinas tivemos como estratégia a utilização de vídeos com o objetivo de favorecer a fruição em dança e ampliar o repertório do grupo, claro que também estabelecer relações entre o experienciado nas oficinas e o apresentado nas telas. Provavelmente os vídeos além de inspiração incentivaram esse tipo de encerramento e a sugestão de um produto-final em vídeo.

Ainda sobre os vídeos de dança, dada a efemeridade da dança (Strazzacappa, 2007) o ideal é apreciar ao vivo, contudo, convém lembrar que a

²³ [...] are used as a tool for the composition of original movement segments. Here the dance students/educators/artists are invited to discover the power of connecting the symbolic representation of movement ideas to the actual practice of dance as leading ocreate original movement phrases or pieces and reading Motif notation scores, thuses tablishing literate foundations in the field. (Tradução nossa).

pesquisa foi desenvolvida em um período pandêmico²⁴, o que inviabilizou a frequência a algum espetáculo presencial, logo, o audiovisual contribuiu com as discussões e os percursos das aprendizagens do grupo. Apresentamos a seguir alguns assuntos despertados nas rodas de conversa sobre as fruições.

Com relação ao vídeo da companhia mineira *Grupo Corpo*²⁵, os(as) estudantes destacaram aspectos relacionados: à expressividade; ao ritmo; ao companheirismo e à coletividade que transparecem na apresentação; às partes do corpo que se sobressaíam em alguns momentos, como cabeças, braços, pernas; à conexão entre a música e a *performance* dos(as) bailarinos(as) e à iluminação. Foi interessante ouvir o comentário de uma aluna que destacou que, se não tivesse realizado a oficina, acharia estranha a apresentação, mas como tinha participado “achou bacana”, evidenciando assim a mudança de olhar proporcionada pelas atividades até aquele momento.

Outra aluna concluiu: “Como os movimentos eram nítidos”, trazendo aqui um aspecto bastante abordado no decorrer dos trabalhos, visto que enfatizávamos muitas vezes a necessidade de o espectador visualizar a essência do gesto dançado, a intenção de transmitir a ação básica do movimento escolhida com clareza para aquele(a) que a vê.

E em se tratando de quem frui um espetáculo de dança estar também se colocando em dança (Bardet, 2014), foi isso que a aluna Sara ponderou: “Eu fiquei imaginando se a gente fizesse alguns daqueles movimentos em alguma apresentação da escola.”

O vídeo da Prof^a Dr^a Ann Hutchinson Guest suscitou diversas reflexões, dentre elas: a calma e a serenidade presentes na *performance* da bailarina; as relações com as ações básicas do corpo experienciadas nas oficinas; a expressividade dos gestos dançados e, segundo as crianças e os(as) adolescentes, a energia boa transmitida na interpretação, também o destaque à partitura que ela executou e que aparecia no final do vídeo.

Além dos aspectos citados, o vídeo foi bastante elogiado pela harmonia

²⁴ As oficinas foram realizadas entre os meses de setembro e novembro/2020.

²⁵ Neste caso o vídeo *Paralelo* (Grupo Corpo, 1997). Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/grupocorpoparabelo/149229922>. Acesso em: 18 mar. 2021.

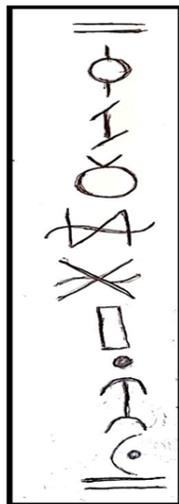
entre sons, movimentos e espaços. A ambientação escolhida favoreceu uma bela composição entre o cantar dos pássaros, as árvores, as plantas, a luz solar e a bailarina executando sua dança. Importante ressaltar que quando contamos sua idade²⁶ os(as) presentes se espantaram, dada a vitalidade de sua *performance*. O vídeo de Guest finalizou com um convite: Qual é sua partitura?²⁷

Importante observar que comentários sobre corpo-espaço, temática tão abordada nos estudos do *Sistema Laban/Bartenieff*, despertaram grande interesse no grupo. Julgamos necessário ponderar sobre alguns assuntos relacionados à Harmonia Espacial despertados pelo audiovisual:

[...] o ponto de partida fundamental parece ser a percepção do ser humano como um corpo arquetônico movendo-se no espaço, assim definindo movimento como uma arquitetura viva, vendo as leis das proporções no espaço, no corpo e na sua interação assim como relevando a importância da comunicação no e com o espaço (Fernandes, 2006, p. 180).

Assim, as fruições dos vídeos também favoreceram revisitar uma sugestão realizada ainda na 1ª Oficina, pois naquela ocasião uma aluna sugeriu que realizássemos uma gravação em vídeo e em um dos encontros criamos uma partitura coletivamente e ficou o convite para que encaminhassem um trecho em vídeo dançando-a. Apresentamos a seguir, na Figura 7, a partitura criada coletivamente naquele encontro e registrada no diário de bordo do pesquisador.

Figura 7 - Partitura criada coletivamente. Fonte: Acervo pessoal.



²⁶ Em 2020 a artista completou 102 anos.

²⁷ #WHATSYOURSCORE.



Consideramos curioso observar que, em sintonia com o que sugere Thiollent (2011), o audiovisual pode ser considerado um meio de divulgação externa das sínteses das aprendizagens da pesquisa-ação. O autor ainda ressalta a importância em se compartilhar as descobertas entre os(as) participantes e também para um público externo ao processo de pesquisa. Portanto, o vídeo²⁸ editado a partir das gravações individuais de cada participante das oficinas foi um produto-final que sintetizou as aprendizagens dos(as) estudantes no percurso.

O transcorrer da pesquisa apresentou algumas evidências relacionadas ao processo de criação, dentre elas: os desafios em se realizar o processo criativo a distância e em um contexto inédito, visto que nunca havíamos realizado propostas remotas semelhantes antes da pandemia com as crianças e os(as) adolescentes; as possibilidades de interação, mesmo que cada um na sua tela e da sua casa, aspecto destacado inclusive nas falas das crianças, como a Ana Luiza que comentou: “Acho diferente, nas aulas já fazíamos algumas coisas, mesmo na pandemia estamos fazendo alguma coisa interativa.”; as investigações que perpassaram criações individuais e coletivas, mesmo que devido às diferentes conexões e velocidades de *internet* apresentavam tempos e *performances* não tão síncronas como o desejado; a potência do trabalho com a *Motif Notation*, que muitas vezes nos surpreendeu, pois já na 3ª Oficina o grupo dominava sua leitura e interpretação, fazendo emergir diferentes criações e cada um(a) contribuindo com suas singularidades e ainda a ludicidade que esse símbolos e essas histórias puderam favorecer com as crianças e adolescentes, alguns deles como equilíbrio, queda, deslocamento sinuoso, por exemplo, foram garantias de experiências criadoras e brincantes. Como poetiza Manoel de Barros (2013, p. 437): “Nossa linguagem não tinha função explicativa, mas só brincativa.”

Considerações finais

Rudolf Laban tem uma vasta pesquisa sobre o movimento humano, contudo, apenas os quatro fatores do movimento (tempo, espaço, peso e fluxo)

²⁸ Após o envio das gravações, o vídeo foi editado e organizado para divulgação, o mesmo encontra-se disponível em: <https://youtu.be/-46OLh-SCFI>. Acesso em: 12 fev. 2023.



são uma das temáticas mais disseminadas por todo mundo. E ousamos dizer que os tempos pandêmicos trouxeram para os quatro fatores desafios nunca antes imaginados, fomos desafiados a reelaborar e questionar todo o escopo construído até o momento no trabalho presencial com a linguagem da dança.

Passados dias, semanas e meses de distanciamento social em 2020, as pessoas envolvidas com as artes do corpo (teatro e dança) se viram desafiadas a utilizar a virtualidade para a continuidade do trabalho cênico ou permanecer na interrupção que já angustiava a população em geral, visto que o período pandêmico se prolongava.

Nesse contexto optamos por realizar a parte empírica desta pesquisa, sabendo que o que havíamos planejado poderia tomar outros rumos, agora com as oficinas realizadas por videoconferências com um número menor de crianças e adolescentes, pois vários não teriam equipamento ou conexão à internet.

Este estudo de caso com um grupo de crianças e adolescentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Júlio de Oliveira se deparou com situações adversas e que refletiram diretamente nos resultados encontrados na pesquisa. Dentre as situações adversas destacamos: o número de crianças e adolescentes que puderam participar das oficinas, visto que o auxílio com pacotes de dados e equipamentos tardou a chegar às escolas públicas durante o período de distanciamento; as possibilidades de planejamento remoto com as professoras responsáveis pelo Projeto AEL e que compartilharam conosco os caminhos da pesquisa; as interrupções ocorridas com as questões tecnológicas e as dificuldades em participar integralmente das oficinas que crianças e adolescentes enfrentaram; o contexto de ensino remoto que impõe dificuldades no trabalho com a dança, além de questões enfrentadas com cada família no período pandêmico, o que muitas vezes obrigou a optar por participar ou não do processo.

E foi perante essas situações adversas no trabalho com a dança que a pesquisa também apontou a possibilidade de se desenvolver uma proposta de alfabetização em dança partindo dos símbolos das ações básicas e a *Motif Notation*, bem como relacionar aspectos dessa linguagem e a alfabetização em



língua portuguesa, além de possibilitar a aquisição de características da *Motif Notation* na escrita das partituras com crianças e adolescentes.

O percurso da pesquisa evidenciou também a potência do trabalho com a *Motif Notation* para a criação em dança, questão evidenciada na elaboração do vídeo da composição coreográfica a partir da partitura construída coletivamente nas oficinas em que cada criança ou adolescente fez sua gravação e encaminhou para edição que originou o vídeo “Entre jeitos e fazeres: experiências com *Motifs* na escola”²⁹, produto-final do trabalho.

E, para finalizar, o trabalho empírico realizado evidenciou a possibilidade de se construir conhecimentos a partir de uma proposta de alfabetização em dança nas oficinas práticas, saberes que puderam ser vislumbrados nas escritas das partituras, na utilização das convenções da *Motif Notation*, nas danças criadas e nas devolutivas das crianças e adolescentes durante a experiência relatada.

Referências

ALMEIDA, Marcus Vinicius Machado de; VAZ, Lisete Ribeiro; GOMES, Maria Paula Cerqueira. Ação e recuperação: reflexões de Laban para a atividade. In *Reflexões de saberes e competências em fisioterapia e terapia ocupacional 3* [recurso eletrônico] / Org. Claudiane Ayres. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/acao-e-recuperacao-reflexoes-de-laban-para-a-atividade>. Acesso em: 13 jun. 2023.

BARDET, Marie. *A filosofia da dança: um encontro entre dança e filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BARROS, Manuel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.

CURRAN, Tina. Perspectives on literacy and dance literacy. In: HEILAND, Teresa; CURRAN, Tina; GINGRASSO, Susan; MEGILL, Beth. Forging mutual paths: defining dance literacy in the 21st century. *Proceedings from the NDEO conference: Focus on dance education collaborations: Different identities, mutual paths*, 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/2jkv4yxz>. Acesso em: 20 jul. 2023.

FERNANDES, Ciane. *O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas*. São Paulo: Annablume, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

²⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-46OLh-SCFI>. Acesso em: 11 jun. 2023.



GUEST, Ann Hutchinson. *The Starbies™ Parent and Teachers Guide by Ann Hutchinson Guest and Jane Dulieu*. National Dance Education Organization. Bethesda: Language of Dance™ Centre, UK Publications, 2000.

HEILAND, Teresa; CURRAN, Tina; GINGRASSO, Susan; MEGILL, Beth. Forging mutual paths: defining dance literacy in the 21st century. *Proceedings from the NDEO conference: Focus on dance education collaborations: Different identities, mutual paths*, 2011.

JEAN, Georges. *La escritura: memoria de la humanidad*. Tradução Enrique Sánchez Hormigo. Barcelona: Ediciones B, S. A., 1998.

LABAN, Rudolf von. *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

LABAN, Rudolf von. *Principles of dance and movement notation*. Brooklyn, NY: Dance Horizons, 1956.

LANGUAGE OF DANC@. Center-EUA. Language of Dance and Dr. Ann Hutchinson Guest. Disponível em: <http://www.lodcusa.org/pages/about>. Acesso em: 28 mar. 2020.

LANGUAGE OF DANC@. Center-EUA. Movement Alphabet ©1983. Disponível em: <https://www.lodcusa.org>. Acesso em: 30 mar. 2021.

LU, Mei-Chen; WILE, Charlotte. Motif Notation-How Did It Start. *DNB Theory Bulletin Board*, New York City, January 14. 2016. Disponível em: <https://dnbtheorybb.blogspot.com/2016/01/motif-notation-how-did-it-start.html>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 2010.

MONTEIRO, Aline Veríssimo. A imagem e o exercício de um pensamento comunicacional hoje. In: *Comunicação & Informação*, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 9-18, jan./jun. 2008. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2016/07/pdf_ef5d027ea4_0000019843.pdf. Acesso em: 13 jun. 2023

OFER, Shlomit. Self-Generated Notations: a suggested methodology of introducing movement literacy. *Journal of Movement Arts Literacy*, University of North Carolina at Greensboro, v. 4, n. 1, art. 9, 2019, previously at LMU, 2018. Disponível em: <https://libjournal.uncg.edu/jmal/article/view/1884/pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.

PRESTON-DUNLOP, Valerie. Motif writing. In: *Dance Notation Bureau – DNB. Theory Bulletin Board*. 14 jan. 2016. Disponível em: <https://dnbtheorybb.blogspot.com/2016/01/motif-notation-how-did-it-start.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.



REZENDE, Gabriel Sampaio Souza Lima. Música, experiência e memória: algumas considerações sobre o desenvolvimento da partitura a partir das obras de Max Weber e Walter Benjamin. In: *Revista Espaço Acadêmico*, v. 8, 2008.

STRAZZACAPPA, Márcia. A dimensão estética na formação e atuação docente: dança: um outro aspecto da/na formação estética dos indivíduos. In: REUNIÃO ANUAL DAANPED, 30, 2007, Caxambu/MG. *Anais [...]*. Caxambu/MG: UNICAMP, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/>. Acesso em: 13 fev. 2011.

STUDD, Karen; COX, Laura L. *Everybody is a Body*. Indianapolis: Dog Ear Publishing, 2013.

TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. Além da alfabetização. In: TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. (org.). *Além da alfabetização*. São Paulo: Ática, 1995. p. 7-18.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2011.

Recebido em: 19/09/2024

Aprovado em: 23/11/2024